

Denúncia gera alívio momentâneo para Lula

Presidente, porém, segue enfrentando diversos desafios

Por Karoline Cavalcante e
Rudolfo Lago

Antes da apresentação, pelo procurador-geral da República, Paulo Gonet, da denúncia contra o ex-presidente Jair Bolsonaro e mais 33 pessoas por tentativa de golpe, o PT tinha a perspectiva de comemorar seu aniversário de 45 anos num cenário de crise, com Luiz Inácio Lula da Silva e seu governo amargando a mais baixa popularidade dos três mandatos do presidente: apenas 24% de aprovação. A denúncia produziu um alívio momentâneo. Desviou o foco da sociedade dos problemas do governo.

Mas, mesmo durante a festa de aniversário, no sábado (22) no Armazém 3 do Pier Mauá na zona portuária do Rio de Janeiro, os principais líderes petistas e ministros do governo não se iludiam. A denúncia coloca momentaneamente os problemas do PT na prateleira da geladeira. Mas não os resolve. Por isso, Lula cogita fazer nos próximos dias mudanças ministeriais. Por isso, já mudou a comunicação do governo, trocando o deputado Paulo Pimenta (PT-RS) pelo publicitário Sidônio Palmeira.

Como já mostrou o Correio da Manhã, novas mudanças ministeriais ainda não aconteceram pela falta de segurança de Lula quanto à fidelidade dos seus parceiros de governo.

Na reunião ministerial que fez no dia 20 de janeiro, Lula perguntou pessoalmente aos ministros se seus partidos estariam com ele em 2026. Recebeu respostas vagas.

E esse é o problema: trocar significará mesmo maior adesão e apoio?



Apesar da denúncia contra Bolsonaro, prudência na festa

Cenário

O Correio da Manhã ouviu analistas políticos para entender melhor as perspectivas do cenário.

Para o cientista político Márcio Coimbra, considerando o cenário polarizado brasileiro, a denúncia não mexerá na dinâmica atual. Quem já era a favor, permanecerá fervorosamente e vice-versa. “Eu acho que o governo já tem muitos problemas para lidar. Os problemas da economia são muito sérios e a popularidade do Lula vem caindo no mesmo ritmo que a economia também vem despencando, o dólar vem subindo, ou seja: tudo desajustado”

De acordo com o cientista político André Rosa, professor da Acrópole - Educação Executiva em Relações Governamentais, a denúncia aliviará um pouco a atenção do governo Lula, mas as pesquisas são um “recorte de momento”.

“A qualquer situação, fato

novo, fator de curto prazo, as pesquisas se modificam, elas são extremamente voláteis às situações reais do cotidiano do eleitor”, explicou o especialista.

Além disso, Rosa mencionou que as questões de justiça não devem causar um grande impacto, até porque o atual chefe do Planalto já foi preso e isso não o enfraqueceu, inclusive, ganhou as eleições de 2022 quando pôde se candidatar.

Respiro

A professora de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mayra Goulart, avalia que a denúncia vai interromper esse cenário de “tempestade perfeita” — termo utilizado para expressar uma combinação de circunstâncias específicas, que acabam por agravar uma situação — que o governo tem enfrentado, pois o tirará do foco por um período. Segundo ela, o momento negativo causado por polêmicas como a da dificulda-

de de desmentir as notícias falsas sobre a implementação da taxa do Pix, poderia além de enfraquecer a percepção da população, “fragmentar a base aliada”.

Em conversa com interlocutores do governo, a gestão continuará a trabalhar em suas pautas, sem um planejamento específico para entrar no mérito da acusação. Para o cientista político Rócio Barreto, caso o governo decida explorar os aspectos da denúncia, poderá haver um crescimento positivo entre o eleitorado.

“Caso seja feita uma nova pesquisa, agora após a denúncia, pode haver uma melhora para o governo Lula e até mesmo uma queda no governo Bolsonaro”, iniciou Barreto. “Uma denúncia é grave, é algo de justiça, a todo momento a TV mostra as tentativas de golpe e tudo que foi denunciado, de tudo que foi exposto nesta denúncia. Se a situação explorar isso, pode obter vantagem”.

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA



Nunes publicou post protocolar sobre denúncia

Centrão ampliado: cautela no caso Bolsonaro

O Centrão ampliado não quer saber de comprar briga na peleja de Jair Bolsonaro com a Procuradoria-Geral da República, com o ministro Alexandre de Moraes e, no limite, com o governo federal. Por enquanto, a ordem é esperar o que vai acontecer.

A reação discreta e protocolar do prefeito paulistano, Ricardo Nunes (MDB), à denúncia apre-

sentada contra o ex-presidente foi o maior sinal dessa postura.

Em post, ressaltou o direito de ampla defesa e ao contraditório — até o presidente Lula já usou palavras parecidas para se referir ao caso de Bolsonaro.

Na conclusão, nenhuma palavra sobre a inocência do ex-capitão: “Confio no espírito público e democrático do Presidente Bolsonaro”, disse Nunes.

Sem anistia

Há quem também veja na segura de Nunes uma vingança do prefeito em relação ao tratamento dúbio que recebeu de Bolsonaro na campanha eleitoral. Mas a falta de entusiasmo da centro-direita com a anistia revela o cuidado de evitar contaminações.

Essenciais

O grande dilema, mais uma vez, é que a direita que se coloca como civilizada, o que inclui o Centrão, não pode brigar com os eleitores bolsonaristas. Os votos da extrema direita são essenciais para quem tentar encarnar o antipetismo na eleição presidencial de 2026.

Bolsonaro vai até o fim para 2026, avaliam analistas

Por Gabriela Gallo

Após a denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR) contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e outras 33 pessoas por tentativa de golpe de Estado, as expectativas quanto aos candidatos à presidência da República em 2026 ficam a todo vapor. Além das denúncias, Bolsonaro segue inegável até 2030. Portanto, apesar de aliados de Bolsonaro estarem se movimentando para alterar a medida, as chances dele conseguir concorrer são baixas.

Diante dos casos, a tendência é que o Jair Bolsonaro siga os mesmos passos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) quando tentou disputar a presidência em 2018. Na época, Lula recorreu de todos os meios até o último momento para tentar disputar à presidência. A tentativa foi frustrada e o PT teve que correr para indicar o atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad, como candidato, que perdeu a eleição.

Deve se repetir

Ao Correio da Manhã, o cientista político Márcio Coimbra avaliou que a história deve se repetir. “O Bolsonaro está inegável e deve continuar inegável, mas ele deve insistir com a sua candidatura até o último momento. A estratégia dele é: o candidato é ele. Então, ele continuará como pré-candidato, mesmo sabendo



Bolsonaro ainda dita ritos da direita para 2026

que não poderá, até o último momento”, afirmou.

Márcio Coimbra considera que as chances de o ex-presidente desistir de sua candidatura a tempo de apoiar outro nome desde o começo da disputa presidencial são muito baixas. “Até por uma característica muito personalista. Bolsonaro não quer perder a liderança desse grupo de direita. Ele vai até o último momento e quando não puder mais, o vice assume. O vice pode ser um dos seus filhos”, completou Coimbra.

Na mesma linha, a Analista Política na BMJ Consultores Associados Raquel Alves ava-

lia que, “na hipótese de aceitar um cenário de não ser o concorrente”, o ex-presidente “insiste em um candidato com o sobrenome Bolsonaro”. Porém, em vez de um dos filhos, ele deve investir em uma candidatura para sua esposa Michelle Bolsonaro “para compor com algum político do campo da direita moderada”. “Esse ‘esticar de corda’ dificulta a movimentação do campo da direita moderada, que tem nomes para a disputa, mas resiste a entrar em conflito com Bolsonaro de olho no eleitorado fiel do ex-presidente”, ponderou em conversa com a reportagem.

Desvantagem?

Para o Correio, o especialista em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Rócio Barreto avalia que, no momento, o “bolsonarismo perde um pouco de força devido à gravidade das denúncias” da PGR, o que deve oferecer um pouco de força ao governo Lula.

“Acredito que o governo Lula ainda tem chance de disputar as eleições 2026, haja visto o nível de desemprego estar reduzido. O emprego está em alta, possivelmente os alimentos vão reduzir o preço. Numa análise mais fria, a gente pode adequar e mostrar que a alta dos alimentos pode ter sido levado pelo alto consumo, considerando o baixo nível de desemprego. Acredito que essa disputa será com a centro-direita, e não necessariamente essa centro-direita esteja representando o ex-presidente Bolsonaro”, afirmou Barreto.

Por outro lado, o cientista político Felipe Rodrigues considera que, mesmo com a liberdade do ex-presidente incerta, isso não significa um enfraquecimento da direita na corrida eleitoral em 2026, pelo contrário. “O desgaste do atual governo, combinado com uma oposição cada vez mais mobilizada e organizada, indica que a direita pode chegar fortalecida para a disputa”.



Mario Moreira: situação afeta saúde mental

Fiocruz criará Plano de Ação contra a violência

Presidente da Fiocruz, Mario Moreira anunciou ao Conselho Deliberativo da entidade a criação de um Plano de Ação para ao menos mitigar as consequências da violência.

Uma das mais importantes instituições científicas do país, a Fiocruz e seus funcionários sofrem, com muita frequência, consequências de opera-

ções policiais realizadas em favelas vizinhas.

Dois de seus maiores complexos de instalações ficam na Avenida Brasil, área de comunidades como as da Maré.

Em comunicado publicado no Youtube, Moreira disse que a violência tem deixado marcas profundas e afetado a saúde mental “de todos”.

Transporte

Moreira frisou que, no dia 12, ação da polícia no Complexo de Israel, também às margens da Brasil, afetou funcionários da Fiocruz que utilizam cinco linhas do transporte coletivo da instituição foram expostas a tumultos. Sequer foi possível adotar rotas alternativas.

130 operações

Levantamento feito pelo Correio Bastidores em dados disponíveis no site do Ministério Público do Rio revela que, entre 14/06/2020 e 29/01/2025, as polícias fluminenses registraram a ocorrência de 130 operações em favelas do Complexo da Maré: uma a cada 13 dias.

Críticas

Mesmo assim, o governador do Rio, Cláudio Castro (PL), e o prefeito Eduardo Paes (PDS) criticam decisão do Supremo Tribunal Federal que, em 2020, estabeleceu normas para operações policiais em favelas. As ações têm que ser comunicadas ao Ministério Público.

2,84 por dia

A lista de operações tem 300 páginas — cada uma tem, em média, o registro de 16 dessas ações. Desde o início da vigência da ADPF 635, as polícias fizeram 4.800 incursões em favelas, 2,84 por dia. Pela decisão do STF, as operações só podem ocorrer em casos excepcionais.